



Dossiê Agustina Bessa-Luís

Este número da *Revista do Centro de Estudos Portugueses* foi concebido como homenagem e revisitação a Agustina Bessa-Luís, no ano do centenário de seu nascimento. Essa “obra proteiforme” (Catherine Dumas) composta por romances, peças teatrais, ensaios, relatos de viagem, biografias e fragmentos autobiográficos mereceu (e vem merecendo cada vez mais) a atenção de renomados estudiosos, como se poderá comprovar pelos artigos aqui reunidos.

Miguel Real abre o Dossiê, com texto intitulado “Como ler Agustina”, em que se apresentam alguns relevantes percursos críticos sobre a obra da autora de *A Sibila*. Na sequência, Catherine Dumas reflete sobre a presença de artistas e poetas na obra de Agustina, com especial foco em pintoras e na poeta Florbela Espanca, como o título do artigo exemplarmente anuncia. Annabela Rita, por sua vez, detém-se na leitura do romance *Fanny Owen* e na “biografia” do Marquês de Pombal, *Sebastião José*. Já Renata Soares Junqueira analisa, sob perspectiva comparativista, as diversas referências intertextuais presentes na peça *Três mulheres com máscara de ferro*, colocando-a em diálogo com obras paradigmáticas da dramaturgia moderna e contemporânea. Dando continuidade ao estudo da obra dramaturgic de Agustina, Edson Santos Silva reflete sobre a forma como Agustina encena a “biografia” de Almeida Garrett posicionando-o em sua conturbada relação com o contexto histórico que o circunscreve. Também centrada na peça *Garrett, o eremita do Chiado*, Sofia de Melo Araújo aborda a personagem feminina, fazendo-a dialogar com as protagonistas sartrianas de *Huis Clos*. Por sua vez, a partir da leitura de *Jóia de família*, Claudia Capela discute a singularidade de certos narradores agustinianos, encarados quase sempre na sua natureza “proteica” e “polimodal”, sem prejuízo, contudo, da “focalização restritiva plural”. Por seu turno, Elizete Ferreira e Maria de Fátima Gonçalves Lima dedicam-se a refletir sobre o universo feminino tal como se apresenta no emblemático *A Sibila*, livro de 1954 que projetou a autora como uma das mais expressivas vozes da ficção portuguesa do século XX. Em seguida, Anamaria Filizola aborda a visão agustiniana a respeito da sexualidade, presente tanto em sua obra ensaística quanto na ficcional. Na sequência, Antero Barbosa articula o “romance faceto” de Camilo Castelo Branco, nomeadamente *Eusébio Macário e A corja* com a obra *Eugénia e Silvina*, de Agustina. Por seu

turno, Edenilson Mikuska propõe o conceito de “romance de leitura” para a análise de *Fanny Owen*, romance de 1992. Deslocando o foco para o território da poesia e de sua recepção, Ana Maria Pereira Soares investiga os modos e as formas como o poeta Ruy Belo apresenta-se como leitor de Agustina. Fecha o Dossiê o artigo de Maria do Carmo Mendes, no qual se busca perscrutar a paisagem cultural europeia, segundo o olhar agudo e céptico da escritora.

A seção Varia abriga o artigo “Dom Dinis no caminho de Santiago de Compostela”, de Viviane Cunha, cujo principal objetivo é mostrar uma faceta pouco conhecida do “rei-trovador”: a de peregrino.

Na seção Resenhas publicam-se comentários críticos acerca de obra recentemente dada à estampa em Portugal: *Pro litteris*, de Isabel Ponce de Leão. O segundo comentário é referente à publicação, no Brasil, de parte da obra ensaística de Fernando Pessoa, sob a chancela da editora Assírio & Alvim.

Na sua multiplicidade de perspectivas teóricas e posições críticas, esta celebração de Agustina vem corroborar o argumento de Eduardo Lourenço, para quem desta obra “de cada ponto pode partir-se para todos os outros sem que haja um círculo de que cada um seja centro. É uma tapeçaria, mas dum gênero especial, aberta”. E o sempre econômico Herberto Helder, nos idos dos anos 1970, assim a ela se referia: “É evidentemente o maior escritor português vivo, e o único com absoluta certeza, visitado com frequência inquietante pelo gênio”.

Isabel Ponce de Leão
Renata Soares Junqueira
Silvana Pessôa de Oliveira